



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS DISLÉXICOS

Celiane De Cesaro¹
Juliana De Lima²
Adriana Cristina Kozelski³

Resumo

O presente artigo tem por finalidade analisar e debater a dislexia como um dos diversos problemas enfrentados no interior do sistema de ensino-aprendizagem, que afeta a prática de leitura e entendimento das palavras, da escrita, soletração, assim como a compreensão e interpretação de textos e de atividades que implicam no raciocínio lógico. Por esse motivo, essa análise pretende investigar e compreender as dificuldades de uma criança disléxica que possui nove anos de idade, que cursa o 3º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Há diversos motivos que incitaram a realizar um estudo de caso, abordando a temática, dentre eles, pode-se destacar a dificuldade em conceitualizar dislexia, em distinguir uma criança disléxica e como contribuir com a aprendizagem para este indivíduo, evidenciando a disgrafia. O reconhecimento precoce e a intervenção prévia são cruciais para minimizar seus efeitos negativos. A metodologia caracteriza-se exploratória, descritiva e explicativa a partir da observação finalizando com a prática da pesquisa.

Palavras-chave: Dislexia. Aprendizagem. Práticas Pedagógicas.

Eixo Temático: Eixo 05 - Didática e Metodologias de Ensino Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno referente à linguagem e detém origem genética com procedência neurobiológica. Portanto é um transtorno de aprendizagem que interfere na leitura e escrita (disgrafia), pois os sujeitos apresentam dificuldades fonológicas no que concerne o processamento das informações e na decodificação de palavras.

1 Acadêmica do oitavo período do curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Ampére – FAMPER. E-mail: celianedecesar@hotmail.com

2 Acadêmica do oitavo período do curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Ampére – FAMPER. E-mail: julii_lima@hotmail.com

3 Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC. Especialista em Educação Inclusiva. Professora orientadora da Faculdade de Ampére – FAMPER no curso de Pedagogia. E-mail: adrianaccristo@yahoo.com.br

Atualmente é um dos transtornos mais presentes nas salas de aulas e atinge entre 5% e 15% da população mundial (MACHADO, 2008). Por esta razão os professores estão cada vez mais preocupados, especialmente os de Língua Portuguesa, visto que a dislexia atinge diretamente (mas não exclusivamente) o seu ensino. Deste modo, faz-se necessário uma maior preparação destes profissionais a fim de constatar ou então perceber os indícios de que seu aluno seja dislético.

Esse artigo buscou examinar alunos de uma determinada sala de aula que possuíam dificuldades de aprendizagem, diante dos obstáculos na produção da leitura e escrita. Dessa maneira pode-se reconhecer um aluno portador de dislexia e disgrafia, o qual foi possível analisar de perto.

Posteriormente desenvolveu-se o questionário de pesquisa destinado aos pais e docentes com o objetivo de conhecer o aluno verdadeiramente para não haver equívocos. Sem delonga, as respostas obtidas foram examinadas e a prática de atividades com o aluno iniciada.

Realizou-se uma metodologia exploratória, descritiva e explicativa, a qual contou com suporte teórico de autores como Nádia Aparecida Bossa com "A Psicopedagogia no Brasil - Contribuições a Partir da Prática"; Aline Alves dos Santos Santos, Caroline Silva com "Disgrafia: O transtorno da disgrafia no Ensino-Aprendizagem", dentre outros.

APRENDIZAGEM E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O processo de ensino-aprendizagem envolve diversas variáveis e aspectos, levando em conta questões sociais, biológicas, cognitivas. No entanto, se houver interferência de algum desses fatores, espontaneamente, provém defasagens ao alcance do aprendizado, conceituando-se nas dificuldades de aprendizagem.

Ainda, “pode-se dizer, então, que a dificuldade de aprendizagem é um tipo de desordem onde o indivíduo tem dificuldades para aprender algo, que normalmente acontece na sua fase escolar, prejudicando a criança em sua aprendizagem.” (SANTOS; BONIFÁCIO, 2016, p. 12)

A Linguagem Matemática é caracterizada como uma ciência exata, apresentada por regras concretas, as quais não se modificam no decorrer dos anos e possuem etapas fixas a ser seguidas. Já a Língua Portuguesa, altera-se facilmente, havendo mudanças

ortográficas, sejam gramaticais ou verbais, dispendo adequações e variações dependendo da regionalidade dos indivíduos.

Na atualidade, a dificuldade que encontra-se em extensa pesquisa e discussão é a dislexia, “um distúrbio específico de leitura e escrita que tem sua origem durante o desenvolvimento do cérebro antes mesmo do nascimento”. (DEUSCHLE; CEHELLA, 2009, p. 197) Inclusive, impede os alunos de aprender, concentrar-se, pois estes alteram ou ignoram letras, sílabas, possuem uma leitura lenta e pulam linhas ao ler textos.

DISLEXIA E DISGRAFIA

De acordo com Nádía Bossa (2000), o oftalmologista alemão Rudolf Berlin havia usado o termo dislexia no final do século XIX depois de observar um caso em que um adolescente tinha sérias dificuldades em ler e escrever. Porém, apenas no ano de 1940 que educadores, psiquiatras e neurologistas reconheceram o fracasso de crianças com inteligência normal ou acima da média. Partindo desses pressupostos, os profissionais na área da saúde começaram a estudar as dificuldades de aprendizagem com base no conceito de lesão cerebral.

Essa disfunção pode ser observada na primeira infância, quando destacam-se os seguintes indícios:

O indivíduo apresenta inteligência normal, distúrbio fonológico, falhas nas habilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas, dificuldade em linguagem na modalidade escrita no período escolar, habilidade narrativa comprometida para recontagem de histórias, déficits na função expressiva e alteração no processamento de informações auditivas e visuais. (DEUSCHLE; CEHELLA, 2009, p. 197)

Embora sua razão e explicação sejam desconhecidas, alguns estudiosos e pesquisadores afirmam ser de origem genética e neurobiológica, outros alegam ser originária de fatores ambientais, mas a medicina ainda não confirmou.

É necessário que o professor saiba que o problema da dislexia não está relacionado à falta de motivação ou simplesmente preguiça do aluno. Precisa-se dar atenção especial a ele, motivá-lo e perguntar se possui dúvidas, recomenda-se que se sente mais à frente durante as aulas. “A dislexia implica uma abordagem mediante uma estratégia psicopedagógica destinada a estabelecer nexos entre a recepção do estímulo e sua incorporação ao léxico.” (DEUSCHLE; CEHELLA, 2009, p. 198). As características

normalmente encontradas nas crianças/alunos com dislexia são o comprometimento na leitura, na escrita e na ortografia. (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Acerca das dificuldades existentes na sociedade, abarca-se a Disgrafia, que lesiona a escrita desenvolvida pelo indivíduo, mas não interfere no neurológico e/ou intelectual do indivíduo. Algumas características são: escrita fora de ordem, linhas imprecisas, espaçamentos variáveis entre as palavras, escrita lenta, letras confusas (invertidas, espelhadas), dificuldade na diferenciação de letras maiúsculas e minúsculas e percepção no tamanho das letras.

A disgrafia denomina-se pela incapacidade de o indivíduo produzir uma escrita culturalmente aceitável, apesar de possuir nível intelectual adequado e receber a devida instrução. Considera-se ter como causa alguma lesão resultante da perda de habilidades ou disfunção do sistema nervoso central. (RODRIGUES et al., 2009).

A fim de potencializar o desenvolvimento dos alunos com disgrafia, o educador deve dispor de estratégias, como a utilização de caderno de caligrafia, propor atividades de aperfeiçoamento da psicomotricidade, incentivá-lo à leitura e visualizar as palavras, pois estimula a concentração. (SILVA, 2020).

Posteriormente à explanação das principais características, é válido ressaltar que técnicas, metodologias, procedimentos pedagógicos em sala de aula e acompanhamento de profissional especializado podem auxiliar e contribuir para o progresso da aprendizagem desses educandos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza qualitativa com fins exploratórios e descritivos, no qual pretende-se investigar alunos com dificuldades de aprendizagem ligadas à leitura e escrita, e promover práticas pedagógicas a fim de reverter estes empecilhos e analisar os principais aspectos.

Inicialmente foi elaborado um plano de geração de dados com a documentação direta, com a observação direta intensiva por meio da primeira etapa da pesquisa, que é examinar a partir da sala de aula, educandos que possuam dificuldades de aprendizagem, frente os aspectos da disciplina de Língua Portuguesa, mais especificamente obstáculos na produção escrita e na leitura.

Após a identificação, ocorreu a observação direta extensiva que corresponde ao envio do questionário de pesquisa via Google Formulário aos pais e professores, com intuito de aprofundar a compreensão desse(s) aluno(os) quanto à aprendizagem e comportamento, a ponto de incrementar o planejamento das práticas pedagógicas, conforme a subjetividade de cada um. Além disso, a análise do questionário e das práticas pedagógicas executadas, tem abordagem indutiva e o método de procedimento experimental.

O Projeto de Intervenção Pedagógica foi aplicado no primeiro semestre do ano de 2021, com um aluno da turma do 3º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais da Escola Municipal José Arnaldo Dresch, no município de Ampére - PR.

Por consequência da vivência pandêmica, realizaram-se as práticas de modo sintetizado, ocorrendo nas residências das acadêmicas, enquanto uma recebia o aluno presencialmente e supervisionava seguindo todos os cuidados necessários, a outra acompanhava por web transferência via plataforma digital Google Meet.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do estudo do questionário, observou-se que o estudante tem oito anos de idade e frequenta a turma do terceiro ano. Possui laudo de dislexia e por isso dispõe de professor auxiliar em sala de aula, porém, por conta do isolamento social, se fez necessário assistência externa para a realização das atividades pedagógicas.

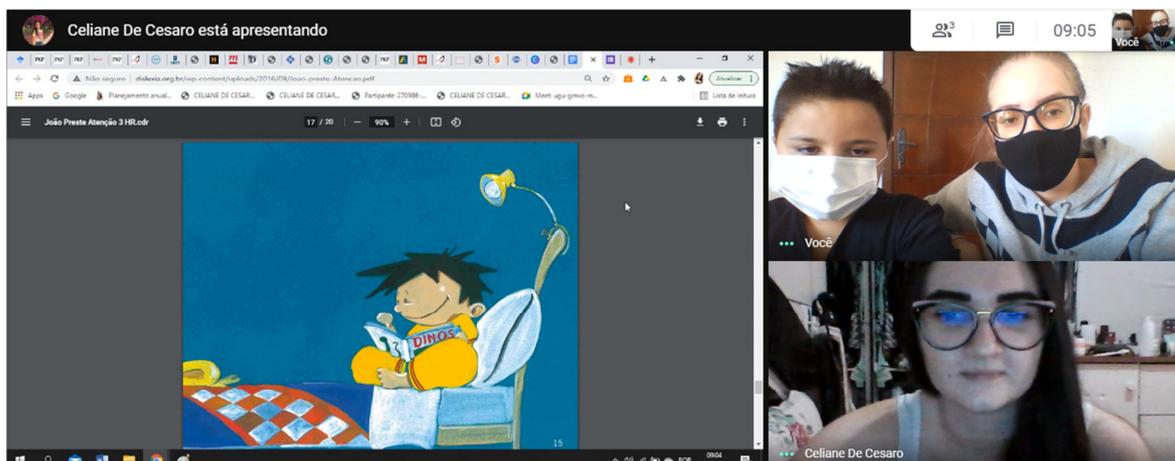
Acerca das características e assimilação dos conteúdos na aprendizagem, os responsáveis e a professora constataram a dificuldade de concentração, interpretação e apropriação nas atividades de Língua Portuguesa. Diante disso, há objeções em formar palavras, assimilar e recordar as letras, dispondo de desinteresse nas práticas de português. Por ter atraso no processo de leitura, somente lê palavras com duas sílabas.

Ainda, tem dificuldade em unir sílabas com três letras, por exemplo: Lha; Lhe; Lhi; Lho; Lhu; o Nha; Nhe; Nhi; Nho; Nhu. Também confunde as letras F e S; T e D, registra a partir de sua escrita o que visualiza, não consegue acompanhar palavras ditadas.

No início do projeto de intervenção com o aluno, realizou-se a contação da história do livro “João, Preste Atenção” - dos autores Edu A. Engel e Patrícia Engel Secco, o qual trata a história de um menino que possui dislexia, relatando desde o início do

diagnóstico e seu acompanhamento. Ao final, enquanto conversava-se sobre a narrativa, o aluno afirmou sentir-se como o garoto do livro, com dificuldades para ler, escrever, aprender e se concentrar.

Imagem 1 – Contação da História.

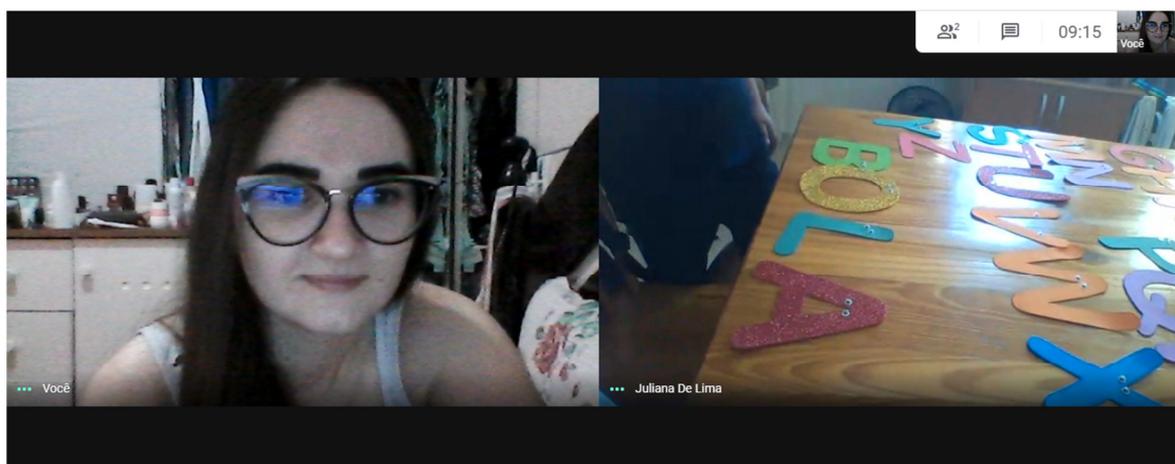


Fonte: Arquivo da Autora.

Diante disso, explanou-se a importância de ele não desistir de seus objetivos para adquirir conhecimento. Então, apresentaram-se as práticas pedagógicas preparadas para dislexia, o ditado com letras de EVA, o jogo da forca e a localização de palavras ditadas no livro. As palavras escolhidas para efetuar as atividades, possuíam assuntos e situações do cotidiano do aluno, tornando o ambiente agradável e propício para a aprendizagem através de sua realidade.

Acerca das execuções das atividades, confirmaram-se os embaraços mencionados, pois à medida que percebia-se dificuldades em o aluno lembrar letras, sílabas ou suas posições, era oportuno citar exemplos e meios fonológicos de incentivo. “A dificuldade na descoberta do princípio fonológico (identificação e manipulação de fonemas) ocasiona problemas de leitura no sistema de escrita.” (GERMANO et al., 2009).

Imagem 2 – Atividade do Ditado com EVA.



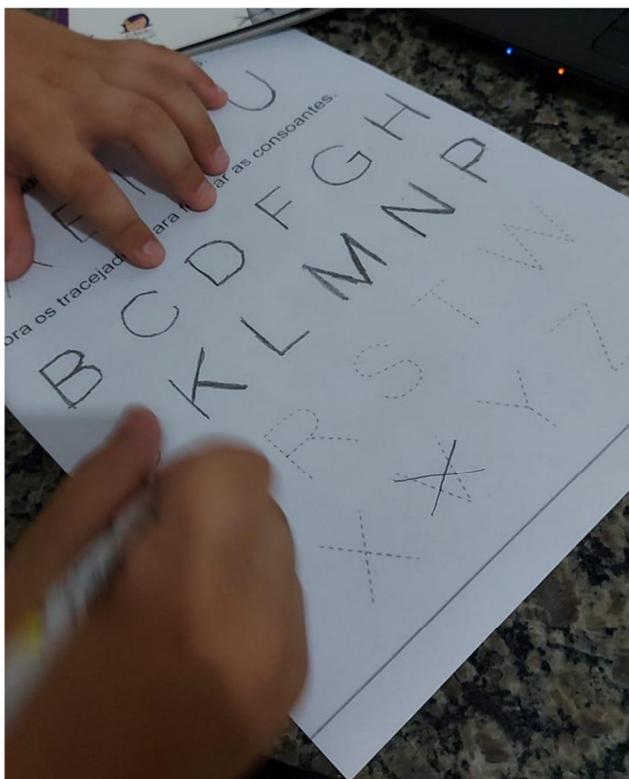
Fonte: Arquivo da Autora.

Na atividade de localizar as palavras ditadas no livro e circulá-las, notou-se alguns erros, mas pela desconcentração e insegurança do aluno em analisá-las e então, orientava-se a retornar e procurá-la.

No decorrer das atividades, assuntos surgiam e o aluno relatou ser hereditário na sua família de problemas associados à escrita e leitura. O fator genético na dislexia vem compreendido como estando relacionado a um histórico familiar de problemas relativos à leitura/escrita. (SAMPAIO et al., 2019, p. 04).

As práticas elaboradas relacionadas à disgrafia foram: caligrafia, ligação de palavras e o pontilhado sobre as letras. Nisso, observou-se confusão de algumas letras e sílabas na leitura, quanto a escrita e desenvolvimento motor possui bom desempenho. Mesmo que baseado em observar e seguir os suportes manuscritos. “É importante o treinamento, com o objetivo de desenvolver a integração visual – motora.” (SANTOS; BONIFÁCIO, 2016, p. 27).

Imagem 3 – Pontilhado nas Vogais e Consoantes.



Fonte: Arquivo da Autora.

Presenciaram-se alguns sentimentos no comportamento frente às atividades de ligação de palavras e caligrafia, o aluno apertava a borracha em sua mão demonstrando nervosismo, em seu olhar evidenciava-se insegurança e medo durante o progresso, situações categoricamente de pressão, talvez acometidas por pessoas secundárias.

Importante salientar que não se deve exigir, forçar ou ameaçar o aluno a realizar as atividades corretamente, visto que há compreensão subjetiva de cada indivíduo neste desenvolvimento, sabendo que “cada criança possui seu próprio caminho e é preciso que ela viva situações de aprendizagem que lhe permitam construir sua própria competência.” (SILVA; CATARINO, 2020, p. 49).

Introduzir rotinas escolares ligadas ao lúdico são formas úteis no ensino-aprendizagem, sendo assim, é importante que o educador possa vincular práticas pedagógicas lúdicas aos disléxicos e disgráficos, por vezes as atividades em papel contradizem a potencialização do processo, pois “o obstáculo à integração visual-motora dificulta a transmissão de informações visuais ao sistema motor.” (SAMPAIO et al., 2019, p. 10).

Posteriormente ao percurso e análise das práticas pedagógicas, pode-se comprovar as dificuldades declaradas pelos responsáveis e a professora no questionário, pela dislexia

e a disgrafia estarem associadas, diversos traços específicos foram notados. Percebeu-se ainda, o avanço e o entusiasmo do aluno em realizar as atividades de forma lúdica e criativa que segundo ele, seriam difíceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem concentra-se num processo contínuo durante o ciclo da vida humana, em que adquire-se conhecimento por meio da realidade e cotidiano dos indivíduos, contudo, na maioria das vezes, o principal responsável por mediar e transmitir estes conhecimentos são os educadores. Porém, durante este trajeto de aquisição de aprendizados, nem todas as pessoas aprendem do mesmo modo, e ainda, podem evidenciar dificuldades que podem estar ligadas a fatores sociais, emocionais, neurológicos, cognitivos, entre outros.

O diagnóstico destas dificuldades, como por exemplo a dislexia e disgrafia, frequentemente é comprovado durante a primeira e segunda infância, período no qual as crianças estão passando pela alfabetização. Sendo assim, os profissionais da educação necessitam estar preparados e capacitados, seja por meio de estudos, formações continuadas ou especializações, para que assim possam encontrar maneiras de contribuir e alcançar o processo de aprendizagem destes alunos.

Para as crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, é de suma relevância o trabalho conjunto da família e da escola, buscando o aprimoramento destes impasses e incentivo às habilidades. Em sala de aula, o professor deve efetuar práticas lúdicas e de forma coletiva a fim de auxiliar os alunos com dificuldades, que dessa forma, os colegas poderão ajudar a superar inseguranças e receios ao realizar atividades, e a família compete trilhar diálogos com os professores, como também desempenhar rotinas de aprendizagem em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

Atividades pedagógicas. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/dicas-de-atividades-para-criancas-com-dislexia/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

Atividades pedagógicas. Disponível em: <<https://soumamae.com.br/4-atividades-para-criancas-com-dislexia/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil - Contribuições a Partir da Prática.** ed.4. Rio de Janeiro: WAK, 2000.

Definição de Psicopedagogia. Disponível: <<https://nadiabossa.com.br/web/psicopedagogia-em-busca-do-sujeito-autor/>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

DEUSCHLE, Vanessa Panda; CECHELLA, Cláudio. O Déficit em Consciência Fonológica e sua relação com a Dislexia: Diagnóstico e Intervenção. Campinas, **Revista CEFAC**, v.11, Supl 2, 194-200, 2009.

GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique; CAPELLINI, Simone Aparecida; Desempenho de Escolares com Dislexia do Desenvolvimento em Tarefas Fonológicas e Silábicas. **Rev. CEFAC**; Abr-Jun, 2009.

História João Preste Atenção. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Joao-preste-Atencao.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2021.

MACHADO, M. C. **Comissão assegura direito de aprender**, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/10770-comissao-assegura-direito-de-aprender> acesso em: 14/10/2021.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CASTRO, Maria José Martins Gomes de; CIASCA, Sylvia Maria. Relação entre indícios de Disgrafia Funcional e Desempenho Acadêmico. Campinas, **Revista CEFAC**; Abr-Jun; 11(2):221-227, 2009.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. São Paulo: **Revista Psicopedagogia**, 33(100): 86-97, 2016.

SAMPAIO, N. F. S., PAIXÃO, T. N; PEROTTINO, S. **Uma discussão a respeito da Dislexia – o sujeito na sua relação com a escrita.** Pesquisas e Práticas Psicossociais 14(1), São João del-Rei, janeiro-março de 2019.

SANTOS, Aline Alves Dos; BONIFÁCIO, Caroline Silva. **Disgrafia: O transtorno da disgrafia no Ensino-Aprendizagem.** São Paulo: UNISALESIANO, 2016.

SILVA, Elieuzza Andrade Meneses e. As Dificuldades Permanentes De Aprendizagem da Escrita: Disgrafia e Disortografia. Maceió: **Revista Psicologia & Saberes.** v. 9, n. 19, 2020.

SILVA, Sebastiana Maria Ribeiro da Silva; CATARINO, Elisângela Maura. Processos Educativos: A Disgrafia Versus Fracasso Escolar. **Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais**, Luziânia, v. 1, n.1, p. 46-51, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.006>.